

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**  
**GRUPO DIVULGAÇÃO**



apresenta

*O canto do cisne*  
e outras pequenas comédias

*Tchekhou*

**Centro de Estudos Teatrais**  
**Grupo Divulgação**  
**2004**

**Forum da Cultura**

Centro de Estudos Teatrais  
**Grupo Divulgação**

apresenta



*O canto do Cisne*

e outras pequenas comédias

*Tchekhov*

FORUM DA CULTURA  
2004

## *O riso na Rússia*

**Gustavo Burla**

Rússia, início do século vinte. Frio, neve por todo lado, ou não seria a Rússia. As condições climáticas eram ainda melhores que as políticas. O czarismo ruía do alto de um totalitarismo e cedia lugar ao oposto, a um governo do povo para o povo. A economia era indiferente às mudanças e pisava nos pequenos. E os russos preservavam a capacidade de rir.

O riso acalma, relaxa, faz bem a quem ri e aos que o presenciam. A gargalhada gostosa contagia o ambiente, e alivia climas tensos, ajuda em situações difíceis. O riso pode não resolver um problema, mas ajuda a conviver com ele e ter forças para superá-lo. Os russos sabiam disso, como os dramaturgos de todos os tempos também o sabiam e davam à luz personagens que riam das condições desfavoráveis que os cercavam.

Aos que viam de longe os tumultos que cercavam a Rússia em mil novecentos e poucos servia-se a revolta. Fernando Pessoa, indignado, escrevia contra as atitudes do Japão em relação à Rússia na guerra de 1905, mesmo ano em que a primeira revolução socialista enfrentou o czarismo. Da estima que nutria pelos russos, somada ao espanto pela passividade dos cidadãos, Álvaro de Campos comparou-os a bobos quando escreveu “Não sou parvo nem romancista russo, aplicado, e romantismo, sim, mas devagar...”

Os russos riam de tudo, sabendo que não podiam estalar os dedos e mudar o mundo. Tinham que se adaptar ao que tinham, viver como podiam e sorrir um sorriso de aceitação. “Ninguém pode rir no teatro se

o estômago está vazio.”, dizia Konstantin Stanislavski, com o seguinte subtexto: ninguém pode ouvir o que está sendo dito em cena com o ronco ensurdecido dos estômagos famintos! A partir disso, no início do governo socialista, distribuía sopa às pessoas antes do espetáculo, para que pudessem desfrutar a noite e abstrair-se de outras preocupações, pelo menos durante o período da representação.

O humor usado nas peças variava conforme o autor, mas as condições sociais eram certeza no alvo das críticas. Nicolai Gogol trabalhava com alusões metafóricas complexas que caíam de forma mais pesada no colo do público. Máximo Gorki trazia em seus textos uma certa transparência do que a sociedade se tornava. Anton Tchekhov não dispensava ambigüidades e sutilezas num humor tão fino quanto penetrante.

Não eram comediógrafos, mas dramaturgos conscientes das mudanças pelas quais seu povo – seu público – passava, e sua genialidade residia justamente em saber fazê-lo rir e refletir sobre sua condição no mundo. Suas peças não são específicas para um tempo, pois tratam de situações universais, envolvendo sobretudo a família e os reflexos da sociedade sob o teto de um lar. São momentos difíceis enfrentados com graça.

Brasil, início do século vinte e um. Calor, suor por todos os poros, ou não seria o Brasil. As condições climáticas são ainda melhores do que as políticas. O neoliberalismo ruía do alto de um imperialismo e parecia ceder lugar ao oposto, a um governo do povo para o povo. A economia é indiferente às mudanças e pisa nos pequenos. E os brasileiros preservam a capacidade de rir.

## *Tchekhov, o médico das almas*

**Marise Mendes**

Em 1860, em Taganrog, pequena cidade da Rússia, nascia Anton Tchekhov. A infância e a adolescência, marcadas por tumultuados estudos e atividades no comércio de seu pai, foram vividas em um calmo clima provinciano e servirão de base para sua obra literária e teatral.

A família se muda para Moscou em 1876, mas Tchekhov permanece em Taganrog por mais três anos para concluir seus estudos. Ao juntar-se à família, que vivia em dificuldades na capital, Tchekhov consegue iniciar, com uma bolsa de estudos, o curso de Medicina. Para ajudar nas despesas, começa a escrever histórias humorísticas para jornais.

Formado em 1884, a medicina, então sua prioridade, divide espaço com o sucesso alcançado como escritor, ambas as esferas configuradas a partir da busca de dignidade. Ironicamente, ao contrair uma tuberculose, a própria doença passa a conviver com a tentativa da cura e da melhoria das condições de vida do povo.

Com uma produção literária extensa, compreendendo contos, pequenos romances e peças teatrais, Tchekhov vê seu trabalho reconhecido. O retorno financeiro permite a realização de viagens à Ásia e à Europa, além da compra de uma casa de campo, na qual passa temporadas em função de sua tuberculose.

A primeira peça de Tchekhov a conhecer o sucesso foi *A Gaivota*, representada pelo Teatro de Arte de Moscou, em 1898. Foi um casamento perfeito entre uma nova estética teatral, traçada por Konstantin Stanislavski e Vladimir Nemirovithi-Dantchenko, e uma

dramaturgia que privilegiava a construção psicológica das personagens, a busca de um naturalismo que permitia ao ator a vivência de uma realidade.

A união entre a obra dramática de Tchekhov e o trabalho do Teatro de Arte de Moscou, que tinha como símbolo uma gaiivota, estende-se por vários anos, através da encenação de *Tio Vânia*, *As três irmãs* e *O jardim das cerejeiras*. Assim como em *A Gaiivota*, este universo dramaturgico tchekhoviano enfoca a solidão e a incomunicabilidade entre as pessoas, revelando, em alguns momentos, a nobreza e a classe média ruarais, incapazes de alterar seu cotidiano de imobilidade, torpor, melancolia, desencanto.

Entretanto, a crítica engajada não é a marca da obra de Tchekhov, que não se vincula a correntes filosóficas ou políticas. Desvelando o patético, a inação dessas personagens, Tchekhov expõe suas fraquezas, mas através de um olhar de ternura e compaixão.

A vida amorosa de Tchekhov foi marcada por rápidas paixões por atrizes e escritoras. Averso ao casamento, acaba por sucumbir a Olga Knipper, atriz do Teatro de Arte de Moscou, com quem se casa em 1901. Mas a doença afasta o casal. Ela permanece em Moscou representando as peças do marido e ele refugia-se em Ialta, cidade marítima. Em 1904, com a saúde cada vez mais debilitada, vai com Olga para a Alemanha, onde vem a falecer, perpetuando-se através de uma obra que transcendeu seu tempo e indicando, inclusive, caminhos para o teatro de absurdo.

## *O riso em Tchekhov*

**José Luiz Ribeiro**

O riso é o suporte social para aliviar a dor e desestabilizar a opressão. A comédia sempre surge como opção popular porque o povo é o grande desaguadouro da infelicidade dos atos governamentais.

A Rússia, oprimida pelo czarismo e ansiando pela vinda de um regime libertário, tem na crise mundial do final do século XIX um bom motivo para rir de seus funcionários públicos, dos proprietários e donos do poder.

Junto ao realismo social, tão bem representado por Máximo Gorki, a vertente das comédias de costume procuram, na crítica, demonstrar a fragilidade de uma classe decadentes, improdutiva e imprevidente.

Tchekhov sabe como ninguém observar a alma desta burguesia provinciana que sonha com requintes franceses, paradigmas de um mundo iluminista. Mas o riso não se ausenta nunca de sua obra. Como médico, ele sabe que o bom humor impele a esperança e é sustentado por ela.

Suas comédias em um ato configuram um álbum de retrato. São tipos de época, mas impulsionados pelo mecanismo milenar da comédia. *Dos males do fumo*, denuncia o discurso vazio. Um homem é convidado para proferir uma palestra científica, um evento em moda no século do cientificismo, e acaba por falar sobre suas mazelas particulares.

## *O que os livros não contam*

Táscia Souza

Recentemente, lendo alguns estudos sobre as vanguardas teatrais do século XX, senti falta de referências a 38 importantes anos da História do Espetáculo. Os textos tratavam de Artaud e seu *Teatro da Crueldade*, comentavam sobre o “ator santo” e o *Teatro Pobre* de Grotowski, explicavam o realismo e o método de interpretação de Stanislavski - que têm justamente em Anton Tchekhov seu principal autor -, dedicavam páginas inteiras ao teatro político de Brecht. Mas não falavam no teatro ideológico nem no trabalho de resistência e cidadania desenvolvido pelo Grupo Divulgação.

Não havia nos livros, por exemplo, qualquer menção aos estudantes da antiga Faculdade de Filosofia e Letras que, em 1966, reuniram-se para estudar teatro e apresentar ao público seu *Amor em verso e canção*. Ou ao grupo universitário que adotou o poeta Federico García Lorca como padrinho e se batizou *Centro de Estudos Teatrais*, num drible à censura que se estenderia por quase metade de sua existência, enfrentando os absurdos da ditadura militar com lenços brancos na boca e uma esperança clara em dias melhores.

Não existem teóricos que compreendam o que leva um grupo a dedicar-se à sua “aldeia”, propondo-se ser o reflexo das angústias e conflitos de sua própria comunidade. Ou palavras que descrevam

Em *O canto do cisne* um velho ator é esquecido, bêbado, no teatro e, dialogando com o ponto, faz uma revisão de vida. Em nossa montagem, o velho ator russo sofre um abasileiramento em seu repertório. *O ébrio*, velho sucesso de Vicente Celestino, recebe uma citação especial. *Rei Lear*, de Shakespeare, surge como um desabafo diante da ingratidão do mundo. Aqui o ponto não dita o texto, ouve a recorrência memorial.

*O pedido de casamento* é uma comédia de (qui pró quó) desentendimentos. A pretendida ignora as intenções do pretendente e dá uma pequena amostra do casamento como uma batalha campal.

*O jubileu* é a demonstração de tensão entre o trabalhador burocrático, que se esgota para sustentar a imagem do diretor do banco, e a postura mistificadora do dirigente bancário. Seu contraponto é a antecipação do teatro de absurdo. Tchekhov tece a cena com as duas personagens femininas monologando. Suas falas são obstinadas e seu discurso é unilateral. O conflito interior e a busca de uma audiência marcam as figuras de Tatiana e Merchutina. *O Jubileu* poderia ser chamado de uma comédia de obstinações: o diretor do banco espera pela comemoração onde será homenageado com recursos próprios; Jirim, o funcionário, tem que dar conta do relatório; Merchutina quer seu dinheiro de volta e Tatiana quer relatar suas memórias de viagem.

O autor desenvolve uma palheta de risos ao mostrar situações cotidianas reveladas aos olhos da ironia. Existe uma pintura onde a vida torna-se risível e a obstinação um ato que envolve uma sociedade em franca decadência.

trabalhos como o *Workshop de Interpretação para a Terceira Idade*, pioneiro pela metodologia com que é realizado e pela proposta de resgate da memória num país que não respeita seus velhos. Sequer encontra-se no mundo alguém que seja capaz de escrever sobre iniciativas como a *Escola de Espectador*, que leva gratuitamente ao teatro crianças e adolescentes de escolas públicas e comunidades carentes. Aliás, gratuitamente não. A gratificação está em, mais que formar público, formar cidadãos.

Tanto o *Workshop* quanto a *Escola de Espectador* são projetos de extensão desenvolvidos pelo Centro de Estudos Teatrais e pela Universidade Federal de Juiz de Fora que visam o envolvimento acadêmico com os reais problemas da sociedade. O primeiro teve início em 1994, com a montagem da peça *Minha sogra é da polícia*, e nesses 10 anos mesclou teatro, música e poesia, objetivando a transformação de seus participantes. Já o segundo, ao possibilitar o acesso livre aos espetáculos do Divulgação, além das exposições do Museu de Cultura Popular e da Galeria de Arte, concretiza-se como um importante passo no sentido da democratização da cultura.

Pode não estar nos livros, mas com certeza está marcado em cada um que passou por esta escola como integrante, platéia ou, simplesmente, como amigo. Está na vida de todos que aqui compartilharam risos, lágrimas e emoções. Para esses, as palavras pouco importam. Belas histórias, mais que para serem lidas, foram feitas para serem vividas.

## *Divulgação: por um Teatro de Arte*

**Márcia Falabella**

Tantos escritores encontraram na dramaturgia a maneira perfeita para contar e transmitir suas idéias. E, desde a criação dos primeiros textos dialogados, quantas obras entraram para a história, imortalizando tramas, personagens e autores. Uma conquista só possível pela encarnação viva do texto pela cena. Por isso, Tchekhov se tornou Tchekhov para o teatro, porque em seu caminho encontrou o Teatro de Arte de Moscou, dirigido por Stanislavski e Dantchenko.

Alguns textos do dramaturgo já haviam sido encenados, anteriormente, sem grande sucesso. Mas é através da companhia russa que texto e cena se articulam como um eficaz instrumento pela efetivação de uma identidade nacional, construída pelo viés cênico, transformando esses artistas em personagens fundamentais para a história do teatro contemporâneo, estabelecendo um novo estilo de discurso dramático. Para o Divulgação, reencontrar Tchekhov é celebrar sua essência, uma vez que sua identidade de grupo se constrói, entre outras influências, a partir dos preceitos e das estratégias básicas definidas pelo Teatro de Arte de Moscou.

Se, por um lado, a identidade de um grupo se estabelece por suas opções estéticas, poéticas e ideológicas, por outro ela também se constrói a partir das condições e das relações de trabalho que determinam a organização grupal, permitindo a sua sobrevivência e gerando as

condições essenciais para o desenvolvimento de uma companhia estável, com uma produção teatral sistemática.

Assim, muitas das principais diretrizes do Divulgação, tanto estéticas quanto organizacionais, estão inspiradas no Teatro de Arte de Moscou. Em primeiro lugar, a opção por ser um *ensemble* artístico, isto é, uma companhia em que os próprios integrantes do grupo são os responsáveis pela materialização da peça, participando de toda a produção do espetáculo, criando com isso um ator total, com o domínio pleno de sua arte; a realização de pesquisas para a fundamentação de suas encenações, tanto no âmbito teórico quanto prático; a construção de um repertório, visando atender a seus anseios estéticos e ideológicos; a formação de um público, a partir de um trabalho sistemático, buscando a popularização do teatro. E, principalmente, o Divulgação encontrou na companhia russa as bases éticas e disciplinares de seu fazer teatral. Entre esses preceitos está a célebre idéia de que o ator deve amar o teatro em si mesmo e não a si mesmo no teatro.

São esses alguns dos aspectos básicos que norteiam o nosso exercício cênico e que definem a nossa identidade teatral. Um trabalho realizado com retidão, com paixão e com honestidade para com a nossa arte, com a nossa casa, com a nossa cidade, com o nosso público. Um caminho de desafios e buscas, de esperança e aplauso, de riso e de lágrima. O palco é nossa tribuna, o teatro é nossa fé. E, assim, cavalcando em sonhos resistimos. Essa é a nossa verdade!

## O público fala sobre o Divulgação

“É um grupo teatral forte, consolidado, surpreendente. Trabalha questões socioculturais com compromisso e responsabilidade.”

Cláudia Rodrigues Castro, 35, professora universitária

“Hoje escutei algo que me chamou a atenção: um jovem chamou outros jovens para assistirem a peça ao invés de jogar sinuca. Isso é divulgação.”

Márcia da Fonseca Motta Rodrigues, 42, dona de casa

“A nau persistente que navega contra a falta de apoio e incentivos culturais de nossa região.”

André M. de Abreu, 32, estudante

“São personagens reais, vivendo de suas fantasias, trazendo alegrias, medos e ilusões, que se transformam quando seus personagens entram em cena. Porque quando os personagens se misturam, o mundo real não existe mais. Através de risos e lágrimas conseguem arrancar do público toda a emoção desejada. E os aplausos dão ao final uma mistura de satisfação e alegria de um trabalho tão maravilhoso que é o de representar.”

Carmem Duarte, 36, secretária

“O próprio nome do grupo já expõe a sua intenção: a divulgação da arte. E é graças a ele que ela (a arte) pode estar ao alcance de muitos.”

Ângela Leitão Micheli, 25, cirurgiã-dentista

“O grupo é como contar um pouco da história de inúmeras vidas, que crescem alimentando a magia pelo teatro. O grupo nos traz o prazer de ver o teatro, nos traz a cultura.”

Amanda Martins Oliveira Costa, 13, estudante

“Um verdadeiro baluarte da cultura em nossa cidade.”

Sebastião Moreira do Nascimento, 63, autônomo

“É a obra mais valiosa de Juiz de Fora. Nos promove emoção impossível de descrever com palavras.”

Jaqueline Bastos Silveira, 21, artista plástica

“Idealismo e competência aliados em prol da cultura, no sentido mais artístico que a palavra pode ter.”

Fabíola Dias Costa, 26, jornalista

“Dedicado, belo, merecedor de aplausos! Preserva a magia e encanto do bom teatro.”

Raquel Ferreira Simiqueli, 22, estudante

“Acredito neste trabalho maduro, crítico, consciente, que nos passa formação e informação.”

Elias de Oliveira Balena, 48, pintor

“Toda a tentativa de divulgar a arte (principalmente entre crianças) é extremamente importante para o progresso e para o incentivo à busca do conhecimento.”

Fernanda H. Dias, 20, professora

“Muito interessante e versátil, o que não nos faz enjoar de suas peças pois elas são muito criativas. Usam de linguagem popular e sempre aproveitam para criticar algo no sistema ou na vida.”

Paulamar Rodrigues, 23, assistente administrativo

“O grupo tornou-se a maior expressão teatral da cidade, popularizando a arte com espetáculos inesquecíveis.”

Elisabeth Marsha de Souza Saraiva, 39, funcionária pública

“É um grupo de raízes culturais fortes, com trabalhos de excelente qualidade e firme engajamento na promoção da cultura local.”

Luís Carlos L. Carpinetti, 38, professor universitário

## Centro de Estudos Teatrais GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

### *O canto do cisne*

e outras pequenas comédias  
de *Anton Tchekhov*

José Luiz

Fátima Amorim

Diogo Martins

Táscia Souza

Cristina Braga

Franciane Lúcia

Gustavo Burla

Evandro Medeiros

Marise Mendes

Breno Fonseca

Douglas Zimmermann

Leandro Boscato

Márcia Falabella

Acompanhamento de *O Ébrio*

Edição de som

Sonotécnica

Iluminotécnica

Figurino

Cenário, Iluminação,

Trilha Sonora e Direção

Vidov

Fantasma e criada

Nikita

Personagem e criada

Personagem e Tatiana

Personagem e criada

Tchubukov

Lomov

Natália

Jirim

Orador da delegação

Chiput

Merchutina

Dionísio Giovanini

Jocemar de Souza

Marcos Cardoso

Danielle Francisco

Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

**Apoio:** Aline Louise, Ana Carolina Radd, Ana Letícia Macedo, Angélica Rodrigues, Bárbara Stephan, Clarice Fernandes, Ed'mon Oliveira, Eliana Tavares, Frederico Bastos, Jacqueline Glauber, Juliana Rodrigues, Júlio Andrade, Polyana Ribeiro, Regina Peyroton, Samia Tavares, Tiago Vítor, Wilson Teixeira e Virgínia Fonseca.

## GRUPO DIVULGAÇÃO

### ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção

Antologia da mulher

Nosso amor em verso e canção

Poemineiros

O homem do século XX

Amor em verso e canção II

Poemas operários

Versos e Cantigas

### ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina

Coral Universitário

Belmiro, Murilo e Pedro Nava

Camões

A menina casadoira

Pic-nic no front

Sganarello

Lição de Molière

Farsa do Mestre Pathélin

Manuel, Bandeira do Brasil

Minha sogra é da polícia

Molière

A incelença

OH! A mulher!

Os Divertimentos do Rei

Sertaneja

A gata borralheira

Sassaricando

A pousada do Marreco Verde

A estranha história de Evelyn Roe

Canto por Federico

Viva o Zé Pereira

Hove you Juju

A sapateira prodigiosa

Estação Esperança

Cantando Cecília

As meninas do Experimental

Festa Brava

Lampião no Inferno

O auto do rei

É isso aí, seu Ary!

Orfeu e Eurídice

João Cabral de Mello Neto

José Luiz Ribeiro (texto)

José Luiz Ribeiro (org.)

José Luiz Ribeiro (sel.)

Eugène Ionesco

Arrabal

Molière

José Luiz Ribeiro

Anônimo medieval

Malu Ribeiro (org.)

Gastão Tojeiro

José Luiz Ribeiro

Luiz Marinho

José Luiz Ribeiro

J. Eduardo Vendramini

José Luiz Ribeiro

Maria Clara Machado

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz e Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Federico Garcia Lorca

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Altimar Pimentel

Tiago Santiago

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

## TEATRO INFANTIL

A onça de asas

O circo de bonecos

História de lenços e ventos

Nem tudo está azul no país azul

Guairaká

O embarque de Noé

D. Baratinha

A gema do ovo da ema

A colcha do gigante

Girassonho

Putz, a menina que buscava o sol

A noite dos duendes

Bem do seu tamanho

Sonho Pirata

Passa, passa, assombração

D. Chicote Mula-Manca

O rouxinol do pescador

O caju encantado

Estórias pra boi dormir

O carteiro do rei

O dragão verde

O mistério das nove luas

A Chapeleira da Rua Azul

O patinho feio

Guairaká (II)

A Guerra dos legumes

Generosa@fada.com

O rei de Quase – tudo

O menino dos caracóis

No Reino da Invenção

Walmir Ayala

Oscar von Pfuhl

Ilo Krugli

Gabriela Rabelo

José Luiz Ribeiro

Maria Clara Machado

José Luiz Ribeiro

Sylvia Orthoff

Zuleika Mello

José Luiz Ribeiro

Maria Helena Kühner

José Luiz Ribeiro

Ana Maria Machado

Liliana Neves

José Luiz Ribeiro

Oscar von Pfuhl

José Luiz Ribeiro

Paula Schmidt

José Luiz Ribeiro

Tagore/José Luiz Ribeiro

Maria Clara Machado

Ilo Krugli et alii

José Luiz Ribeiro

Ronaldo Boschi

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

## OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião

O urso

Bodas de Sangue

Electra

Diário de um louco

Pequenos burgueses

A visita da velha senhora

Escola de mulheres

Escorial

Romanceiro da Inconfidência

Maria Stuart

A morta

O patinho torto

Yerma

Seis personagens em busca de autor

As criadas

Arlequim servidor de dois amos

Calígula

Guerra mais ou menos santa

Pedreira das almas

Só o faraó tem alma

O beijo no asfalto

Mas que papel, seu bacharel!

O estado de sítio

Boca do inferno

A mandrágora

O rei da vela

Como se fazia um deputado

Dr. Getúlio, sua vida e sua glória

O jardim das cerejeiras

Esta noite se improvisa

O inspetor geral

Nerthan Macedo

Tchekov

Garcia Lorca

Sófocles

Nicolai Gogol

Máximo Gorki

Dürrenmatt

Molière

Ghelderode

Cecília Meireles

Schiller

Oswald de Andrade

Coelho Netto

Garcia Lorca

Pirandello

Jean Genet

Carlo Goldoni

Albert Camus

Mário Brasini

Jorge Andrade

Silveira Sampaio

Nelson Rodrigues

José Luiz Ribeiro

Albert Camus

Marcus Vinícius

Maquiavel

Oswald de Andrade

França Júnior

Dias Gomes/F.Gullar

Tchekhov

Pirandello

Nicolai Gogol

Fausto

Girança

A casa de Bernarda Alba

Grito mudo

As aventuras do tio Patinhas

A aurora da minha vida

Canga

O mercador de Veneza

O santo milagroso

Rasto atrás

Era sempre primeiro de abril

Todomundo

Édipo-Rei

O burguês fidalgo

Vereda da salvação

Il teatro comico

Como se come um homem

A torre em concurso

O homem e o cavalo

A escada de Jacó

Cervantina

O devoto

O príncipe rufião

Viva a Nau Catarineta

Os ossos do barão

Girança (II)

O último portal

Botanágua

A trupe da Paz

Senhora na Boca do Lixo

Zé das Cova e Dona Morte

O Círculo de Giz

O canto do cisne

Goethe

José Luiz Ribeiro

Garcia Lorca

José Luiz Ribeiro

Augusto Boal

Naum Alves de Souza

José Luiz Ribeiro

William Shakespeare

Lauro César Muniz

Jorge Andrade

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Sófocles

Molière

Jorge Andrade

Carlo Goldoni

S. Mrozek

J. Manuel de Macedo

Oswald de Andrade

José Luiz Ribeiro

Miguel de Cervantes

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Altimar Pimentel

Jorge Andrade

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Jorge Andrade

José Luiz Ribeiro

Brecht/ Ribeiro

Anton Tchekhov

## AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:

Prof. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 38 anos, perceberam que  
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que  
acreditam que

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”

García Lorca